

Que fazer com os índios?

OPINIÃO - 17-1-75

Entrevista com o sertanista Apoena Meireles

A morte de quatro sertanistas do posto da Funai atacado pelos índios Waimiri-atroari, no final do mês passado, causou profunda consternação entre as pessoas ligadas ao drama do povo indígena, especialmente entre os sertanistas, como Apoena Meireles, 25 anos, atualmente o mais conhecido dos sertanistas da Funai em atividade. Filho do falecido Chico Meireles, um dos mais famosos sertanistas da história da Funai, Apoena, que recebeu o nome de um velho cacique da tribo Xavante, nasceu numa canoa, no rio das Mortes, enquanto o seu pai conclua a atração dos Xavante.

"O problema do índio não vai ser solucionado enquanto não for resolvido o problema das populações marginais dos grandes centros urbanos, que enfrentam uma situação pior que a do índio", diz. "Se o governo não soluciona o problema da favela de Alagados, em Salvador, então dificilmente vai resolver um problema a mil quilômetros de distância dos grandes centros urbanos". Apoena, que está sendo cogitado para coordenar a atração dos Waimiri-atroari em substituição a Gilberto Pinto, falou ainda a Opinião, em Brasília, sobre as causas e consequências dos conflitos com estes índios.

Opinião — Qual a causa destes constantes incidentes entre os índios Waimiri-atroari e os brancos?

Apoena Meireles — Os métodos de atração dos Waimiri-atroari, os mesmos aplicados no passado, têm de ser alterados em razão das novas investidas em direção à Amazônia. Antes você atuava na Amazônia e como não tinha estrada, empresas agropecuárias, etc., podia fazer um trabalho sem pressa. Hoje em dia é lançado para fazer atração de um grupo indígena com agrupamentos de brancos se instalando na periferia das aldeias e isto exige mudança não só no comportamento do índio como no nosso também. Hoje em dia trabalhamos muito mais tensos do que antigamente. Hoje em dia vamos em missão de paz, de amizade com os índios, mas na verdade estamos trabalhando como pontas-de-lança das grandes empresas e dos grupos econômicos que vão-se instalar na área. Para o índio fica difícil acreditar na missão de paz se atrás de você vem um potencial de destruição ecológica. Para mim este foi um dos principais problemas que o Gilberto enfrentou.

O — Como vê a atual política de aproximação desenvolvida pelos sertanistas?

A.M. — Hoje ser sertanista para mim é a mesma coisa que ser um capitão-do-mato. Você é mandado a uma área só para atrair um grupo de índios e possibilitar a abertura de estradas, ou à instalação na área de um grupo econômico. E não para integrá-lo. O que acho errado é que numa atração, o chefe de Gabinete, seja em Brasília, em Manaus ou em Belém, quer impor normas aos sertanistas. Normalmente o sertanista faz a atração e, resolvido este problema, vai embora. A fase mais difícil após o contato é acompanhar o seu desenvolvimento. Mas a gente é retirada da área e mandada para outro setor, para fazer a atração de outro grupo indígena que esteja causando problema. O fato é que o sertanista, como Gilberto Pinto, não paga por erros dele mas por erros dos outros.

A proposta do sertanista Amâncio da Silva

É possível que a Funai estivesse até mesmo pensando na idéia: abandonar o método pacífico de atração até então tentado junto aos índios Waimiri-atroari por um método

mais agressivo, com a utilização de inofensivos fogos de artifício para intimidar o indígena — como aliás vem fazendo em diversas frentes de atração. Se existia, contudo, o plano, pelo menos provisoriamente, foi abandonado depois que o sertanista Sebastião Amâncio da Silva o anunciou de forma desastrosa: incluiu também bombas de gás lacrimogêneo, dinamite e rajadas de metralhadora como meios de convencer o índio de uma vez por todas que "os brancos são mais fortes".

O azar de Amâncio, que tinha sido escolhido para coordenar a atração dos Waimiri-atroari em substituição a Gilberto Pinto, o *Paizinho*, um dos quatro funcionários mortos pelos índios no ataque ao Posto da Funai no fim do mês passado, é que suas declarações repercutiram muito mal, principalmente entre outros sertanistas. "Isso só pode ser brincadeira. Se ele está pensando que aquilo é guerra medieval, é melhor que não esqueça de levar uma couraça", reagiu prontamente o sertanista Orlando Villas Boas, insinuando ironicamente ao jornal *O Globo* que "se fossem adotadas as medidas violentas anunciadas por Amâncio em Manaus, os índios é que teriam de amansar os brancos".

Na verdade, essa técnica de persuasão do indígena por intimidação não é nova: foi lançada na época da colonização pelo aventureiro Bartolomeu Bueno, o *Anhanguera*, que dominou um grupo de índios Tupiguarani com uma exibição de força: incendiou uma pequena quantidade de aguardente, sob o olhar atemorizado dos índios. Desde os tempos do antigo SPI, sertanistas vêm recorrendo a métodos desse tipo com relativo sucesso, do ponto de vista do branco. Isso, no entanto, não impede revêses, como no ano passado quando a equipe de atração comandada por Apoena Meireles entrou correndo, gritando e soltando fogos de artifício pelas aldeias dos Avá-Canoeira, perto da Ilha do Bananal. Sem perceber que os índios já tinham percebido antes a aproximação do grupo. A recepção, então, foi pelo menos inesperada: uma chuva de flechas.

No caso do sertanista Amâncio, contudo, a Funai, principalmente diante da repercussão desfavorável, somou-se ao coro geral, repudiando — "não aprova, nem permitirá" — também a sugestão em uma lacônica nota oficial de 13 linhas, e o seu presidente gen. Ismarth (ver pág. 14), prometia punir "exemplarmente" o sertanista. O jornal *O Estado de São Paulo*, por sua vez, em nome "do índio brasileiro" e da "imagem do país no exterior", chegou a dedicar um editorial ao assunto, no último dia 10, onde cabia ao general mais do que a anunciado punição do desastrado sertanista: "Deveria ter anunciado não uma punição exemplar, apenas, mas a demissão (o grifo é deles) imediata do sertanista", diz o jornal.

Apesar da preocupação do general Ismarth, que pediu aos repórteres que cobrem o setor para tentarem atenuar as declarações do sertanista, a verdade é que a imagem do Brasil sofreu, novamente. Ainda na semana passada o cônsul brasileiro na Colômbia, em telex ao Ministério das Relações

Exteriores, pedia a intervenção urgente da Funai alegando que um grupo de índios Waimiri-atroari teria se refugiado na cidade de Iquitos — que fica do outro lado da selva Amazônica, perto da Cordilheira dos Andes, a mais de mil quilômetros do território dos Waimiri-atroari. "Se se eles estiverem correndo do Amâncio", disse a Opinião o general Ismarth que, evidentemente, não levou o caso a sério.

Já o professor Roque Laraia, do Departamento de Estudos Sociais da Universidade de Brasília, acredita que "se a Funai realizar uma pesquisa junto aos antropólogos brasileiros, perguntando que resolução deve ser tomada quanto ao problema dos Waimiri-atroari, receberia uma única resposta: cessar imediatamente as obras de construção da BR-174, que passa pela área dos índios, ligando Manaus a Caracará, em Roraima". E pelo menos uma antropóloga, Alcida Ramos, se manifestou sobre o assunto, mais especificamente sobre a aludida "saúde dos presentes dos brancos": "Vale mais um território resguardado mesmo com machados de pedra do que um território invadido com presentes de aço".

De qualquer forma, o mais certo mesmo, como reafirmou um assessor do Ministério dos Transportes, é que — imagens e saudades à parte — a construção da estrada não deve parar. Pois, como disse logo após este último ataque dos Waimiri-atroari ao posto da Funai o tenente-coronel Arruda, comandante do Batalhão do Exército encarregado de construção da rodovia, "a estrada Manaus-Caracará será construída custe o que custar. Não vamos parar os trabalhos apenas para que a Funai complete a atração dos índios".